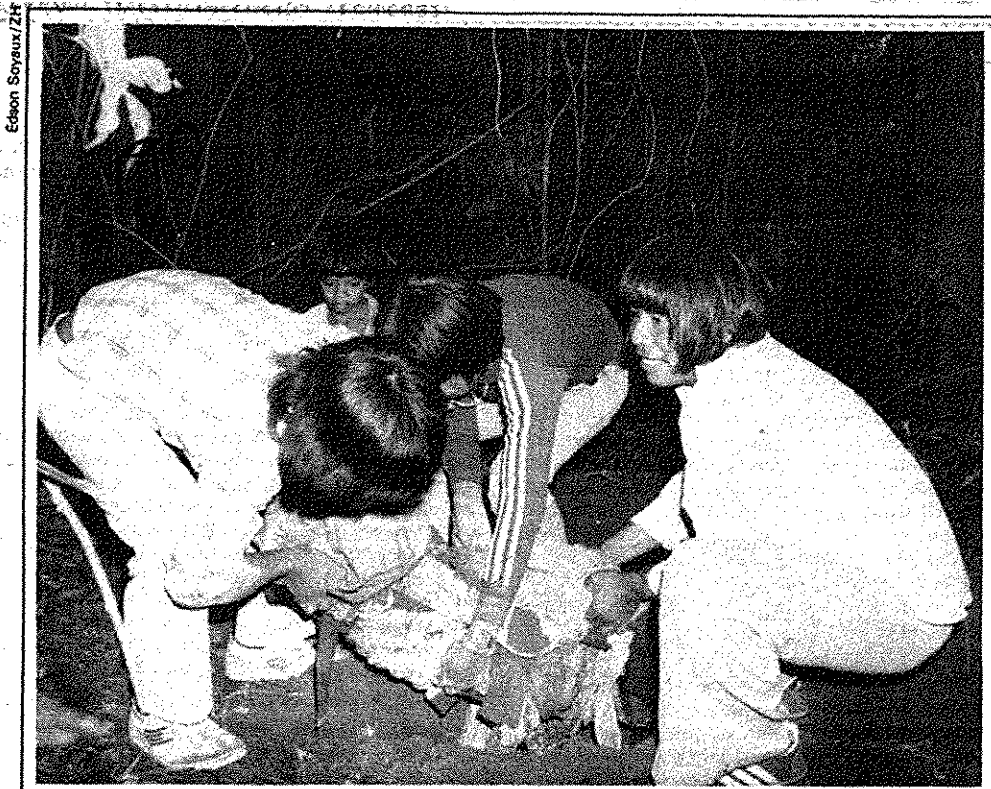


Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora (P. Alegre) Class.: 1359

Data: 18.03.87 Pg.: _____



Obrigados, os índios violam os túmulos de seus mortos

Uma cultura agredida pelo branco

O fotógrafo Assis Hofmann, presidente da ANAI, também não ficou para ver a cena de exumação dos cadáveres. Falou, então, um pouco sobre aquela raça de guaranis: "São sem-terras e não aceitam a tutela da Funai. Eles estão atrás da Terra sem mal, segundo uma antiga tradição. Eles, no Rio Grande do Sul, necessitam cinco pontos ou áreas de passagem, com algumas centenas de hectares, para seguirem vivos. Não têm assistência nenhuma, não têm terra e, como produção, só o cesto. Subnutridas, estas crianças não resistem à doenças, como o sarampo."

Cris Vigiano, vice-presidente da ANAI, lembra que Ivori Garlet é um sócio da entidade que se dedica em tempo integral para os guaranis e se responsabiliza por uma Casa de Passagem, na Rua Albion, onde muitos guaranis sabem que encontram pouca, apoio moral e material. Recentemente, na ausência de um cacique, em Osório, ele vacinou algumas crianças e acabou se incomodando com o chefe indígena. Assis explica: "Eles acreditam que não se deve lutar contra a decisão de Deus. O cacique argumentou que sempre foi assim e que não mudará, por isso recusam-se a utilizar a medicina do branco. O problema é que as suas ervas não funcionam, pois alimetam-se muito mal".

Ali, no Cantagalo, a única caça é o bugio, difícil de capturar. Afora isso, cultivam milho, batata doce, feijão, mandioca e "alguma melancia", conforme explica o cacique Artemio. "Aqui a terra é boa e só tem que

plantar pra comer", argumenta o chefe.

A ANAI, quando da campanha eleitoral, apresentou um projeto, que beneficiará estes guaranis, para todos os candidatos. E querem uma decisão positiva de Pedro Simon, agora. Se estivessem em sua reserva, não teriam se envolvido com a Polícia, como ontem, sofrendo com a violação de seus princípios.

Cris Vigiano ressalta que se trata de um povo muito religioso e isso "é o traço cultural preservado como forma de defesa. Se, para nós, o enterro de nossos entes mexe muito, imagine o que significa remexer nos mortos, para eles. É uma coisa violentíssima. A comunidade guarani é muito fechada e eles têm consciência de que, submeter-se à Funai, é ver destruída sua cultura".

Seus irmãos do Mato Grosso e de São Paulo já desenvolveram a consciência de que devem lutar pela posse da terra. Como são nômades, acabam tendo contatos uns com os outros e os aqui estabelecidos começam a desenvolver esta consciência, como o jovem Marcelino, que sabe que a terra é sua, historicamente. Os tênis, a roupa de grife estrangeira, a calça jeans dizem apenas que precisaram das sobras dos brancos para se vestir. A consciência é marcadamente indígena. Saíram da beira da Estrada do Lami, com o apoio da ANAI, que busca, agora, consagrar o direito que eles têm sobre aquelas terras devolutas, onde, há muito tempo, ninguém da raça branca meteu a enxada.

Polícia desenterra as crianças guaranis

Os corpos foram levados para o Instituto Médico Legal

Por DEDÉ FERLAUTO

Editoria Local/ZH

Um grande aparato policial do homem branco foi mobilizado, ontem à tarde, para a realização da exumação de três cadáveres e o recolhimento de mais um, todos de crianças índias guaranis, que morreram de sarampo numa área localizada no Cantagalo, ao sul de Porto Alegre, divisa com o Município de Viamão. Eram sete viaturas — seis da Polícia Civil e uma da Brigada Militar — incluindo pessoal da Delegacia de Homicídios, Instituto de Criminalística, Instituto Médico Legal e da 7ª Delegacia de Polícia, de Belém Novo, que tem jurisdição sobre a área.

A denúncia de que pequena comunidade indígena estava enterrando seus mortos partiu de vizinhos, que desconheciam o motivo das mortes e temiam uma epidemia. A ação dos policiais chocou os guaranis, que possuem um senso de religiosidade muito agudo, mas não houve nenhuma reação hostil por parte dos índios que se viram envolvidos numa macabra burocracia que, para eles, certamente não tem sentido.

O choque cultural, evidente e inevitável, não passou de mais uma ocorrência a ser registrada nos arquivos do Estado. Para os indígenas foi a violência do homem branco, mais uma vez perpetrada contra um povo que se recusa a aceitar a tutela do branco representado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A Associação Nacional de Apoio ao Índio, (ANAI) na pessoa do repórter-fotográfico Assis Hofmann, que preside a entidade, esteve no local, chegando a tempo de intermediar os entendimentos.

Uma picada de difícil acesso é o caminho por onde se chega a um grupo de choças de pau-a-pique e palha de coqueiro. São 11 famílias e nem mesmo o cacique Artemio ou o capitão Artur sabem dizer quantos habitantes há ali. "Só contando", desculpa-se Artur, cujo filho de um ano e um mês morreu há cinco dias e cujo corpo estava embrulhado em panos e numa pequena esteira feita de taquara. Foi o primeiro cadáver a ser recolhido.

Seis Mortos

Os policiais, comandados pelo inspetor Remião, da 7ª DP, estavam todos ostensivamente armados, pois temiam uma reação dos indígenas. O diálogo foi amistoso, com o policial explicando que, não sendo uma reserva, eles tinham que se submeter às leis dos brancos, que a ele cabia fazer cumprir.

O cacique trabalhava na confecção de uma cesta e aceitou conversar, trocando muitas idéias com o seu imediato, o capitão Artur. Nada foi decidido fora do consenso entre os dois chefes.

As crianças sorriam para o fotógrafo Edson Soyaux enquanto, por ali, duas marrecas piadeiras, domesticadas, tratavam de expulsar alguns dos muitos cães que vivem com os índios. Assis, que fora avisado da ação policial em seu estúdio, e logo foi para o lugar, explicava para os policiais que os índios resistiam e não aceitavam a vacinação do homem branco e, com a debilidade física, a subnutrição era a parceira trágica daquelas mortes causadas pelo sarampo.

Depois das explicações do inspetor Remião, o cacique Artemio, sempre falando na sua língua, e com o capitão Artur que "uma lei antiga Guarani diz que não é assim". Não havia jeito. Não havia como resistir. Os argumentos dos brancos pareciam fortes como as armas de pesado calibre que carregavam. Três jovens — Lúcio e Marcelino Benitez e Sílvio Ortega — foram destacados para localizar as sepulturas, que os policiais haviam procurado antes infrutiferamente.

A ANAI havia conseguido, dias antes, internar duas crianças na Santa Casa e ambas já estavam enterradas. Remião, aproveitava o mote e dizia que, depois da exumação todas as crianças estariam reunidas no cemitério dos brancos. O cacique não concordava. Nem discordava.

Os policiais lutavam com os trâmites burocráticos. As crianças enterradas, todas do sexo masculino, eram filhos de índios que haviam passado por ali, vindo de Osório. Ninguém sabia o nome dos pais, tampouco dos mortos. E as planilhas do IML precisavam ser preenchidas.

Lúcio e Sílvio, que têm sobrenomes de branco, de origem argentina, vieram da região de Missões e foram convocados, pelos policiais, para fazer a escavação. Marcelino ficou longe. Estava ali, no mato, porque fora ordenado pelo cacique. Argumentava em português claro e com seus 16 anos: "Não posso ir lá. Não gosto disso. A terra aqui é boa. O homem branco, não".

Os pequenos corpos, em início de decomposição, estavam com as mãos atadas com fibras vegetais, em posição fetal e embrulhados em panos. Os funcionários do IML, como é corriqueiro, não tinham luvas para manipular os corpos. Mais uma vez, coube aos índios o trabalho sujo, pesado e profanador de seus princípios religiosos.

Logo, foram embarcados no "rabeção" e apenas duas crianças pequenas, que vieram depois, assistiram a cena. Os jovens foram-se, tristemente, de volta para a pequena aldeia.